

Pesquisa em psicanálise: perlaborações de uma experiência

Sander Machado da Silva¹
Margarida Lima²
Alice Queiroz Telmo Romano³

Ao nomear o tema “pesquisa em psicanálise”, a questão que se coloca de imediato é acerca do *método psicanalítico* de investigação. Na cena da clínica, observa-se, desde Freud, que a investigação do inconsciente ocorre, em primeira instância, por meio da associação livre do analisando e da contrapartida essencial da atenção flutuante do analista. A situação de análise possui também como operador fundamental o enlace da transferência. A análise dessa formação do inconsciente em particular é o campo de batalha da psicanálise.

Contudo, circunscrever a investigação psicanalítica no registro da clínica é insuficiente, pois essa formulação não dá conta da extensão e diversidade de indagações, descobertas, métodos e modelos, seja na obra freudiana seja ao longo de mais de um século de prática psicanalítica (JERUSALINSKY, 2011). Com efeito, como falar desses operadores fora da cena clínica? Qual o estatuto e a função da transferência na pesquisa psicanalítica em extensão? Desde o início, percebemos a presença da transferência na experiência em pauta, porém quais são suas implicações no processo de pesquisa?

Essas inquietações, derivadas da experiência dos autores na coleta de dados na pesquisa realizada pela Federação Latino-americana de Associações de Psicote-

1 Membro provisório do CEPdePA.

2 Membro provisório do CEPdePA.

3 Membro associado do CEPdePA.

rapia Psicanalítica e Psicanálise (FLAPPSIP), motivou a escrita desse ensaio. Por essa via, pretendemos discutir questões metodológicas referentes à pesquisa em psicanálise.

A FLAPPSIP convocou e promoveu a realização de uma investigação nas diferentes instituições que a compõem, configurando um *estudo multicêntrico* inédito. O objetivo da pesquisa é conhecer as opiniões e ideias dos psicanalistas e/ou psicoterapeutas acerca da vigência da psicanálise nos dias de hoje, interrogando, assim, como tais sujeitos significam suas práticas, qual a visão que possuem da psicanálise e de sua relevância no meio em que a desenvolvem.

Com esse objetivo em vista, cada instituição organizou uma equipe para realizar entrevistas individuais com uma amostra de membros das instituições filiadas. A pesquisa se deu em três momentos distintos: o primeiro desses seria o *convite*, ou melhor, o endereçamento dos pesquisadores aos participantes em convocar sua fala a respeito de um problema de pesquisa. O segundo momento é marcado pela *entrevista* propriamente dita. E, por fim, a *análise do material* transcrito (da qual não participamos) que se desdobra em outras duas etapas: um relatório de cada instituição e a análise do conjunto desses relatórios operada em uma instituição nomeada para essa função.

Cada um de nós foi responsável por entrevistar dois participantes. O critério para seleção dos analistas era ter entre 10 e 25 anos de prática clínica. A coleta de dados consistiu em apresentar uma série de imagens⁴ e solicitar a escolha de uma que melhor ilustrasse a vigência da psicanálise. Daí nos surgiram diversas dúvidas: Por que essa opção metodológica? Como conduzir a entrevista em pauta? Como e desde que lugar formular questões?

A única orientação que recebemos foi a de tomar a fala dos psicanalistas como um sonho e, a partir disso, levantar perguntas, explorar o matéria, lógica que converge com os fundamentos do método psicanalítico inicialmente citados. A distinção essencial a ser operada é entre uma pesquisa com uma metodologia qualitativa, em que o material é estudado através dos conceitos psicanalíticos, e a realização de uma pesquisa que utiliza o método psicanalítico em seu conjunto.

⁴ As imagens foram selecionadas por meio de uma pesquisa prévia conduzida também pela FLAPPSIP.

Em relação a esta e outras problemáticas em torno da pesquisa em psicanálise, as quais não aprofundaremos neste ensaio, remetemos o leitor aos escritos de Birman (1992), Berlinck (2002), Irribary (2003), Mezan (2006) e Poli (2008).

No entanto, a problemática da transferência permanece como um resto não analisado. Com Freud (1912), relembramos que a transferência na cena da clínica é o motor do processo e a maior resistência que se apresenta a ele, isto é, conforme suas roupagens: amistosa, erótica e hostil. Na cena da pesquisa em extensão, Elia (1999) nos interroga: a transferência seria um *lugar* ou um *excesso*? Em outras palavras, condição de possibilidade ou de impasse?

Precisamente em torno da presença da transferência é que discutimos o nosso lugar de pesquisadores. Então retornam as inquietações: como formular interrogações nas entrevistas? Desde que lugar? Conforme dito, conduzimos a entrevista como se escutássemos um sonho. No entanto, ao escutarmos um sonho de um analisando, o escutam numa paisagem transferencial. E ali nas entrevistas havia transferências a serem escutadas? Se sim, desde que lugar escutávamos essas transferências? Poder-se-ia pensar em alguma intervenção a partir disso ou se imporá aqui uma abstinência radical?

Em meio à discussão acerca de nossa inquietante experiência, pensamos que é possível notar a presença de cruzamentos transferenciais em todas as etapas da pesquisa que descrevemos. A esse respeito, destacamos que os participantes, em razão de serem psicanalistas, viam-se convocados a falar livremente para um analista em formação e cientes de que sua fala, num segundo momento, seria analisada por outros psicanalistas. Mais do isso, irá ser transformada em um escrito a ser, provavelmente, publicado.

Com efeito, tem-se aí a ingerência de uma dupla leitura: de um lado, o sujeito da pesquisa saber-se investigado em seu universo inconsciente, o qual supõe revelar-se constantemente na linguagem, e de outro, a percepção dessa situação por parte dos entrevistadores. Essa situação se constituiu como uma particularidade da pesquisa e produziu implicações diretas no que estava sendo dito na entrevista. Daí a presença do gravador ser, diversas vezes, comentada, os entrevistadores serem indagados sobre o método ou até mesmo convidados a escolher uma imagem e falar sobre ela.

Dessa forma, pensamos que, para os psicanalistas entrevistados, estava em jogo a análise da sua *transferência com a psicanálise*. Sob nossa perspectiva, seria esse precisamente o próprio problema de pesquisa em questão.

Notou-se que os participantes, ao serem indagados acerca da vigência da psicanálise, ou seja, de sua práxis, falavam de sua subjetivação como analistas. Desse modo, alguns dos entrevistados nomearam autores, sustentavam sua fala na prática clínica e/ou na experiência de análise pessoal, na implicação social da psicanálise etc. Enfim, nomearam da vigência da psicanálise desde de sua transferência com a psicanálise, de seu enlace com ela.

Observamos também outras incidências transferenciais peculiares a uma série de endereçamentos cruzados entre: participante - pesquisador - Instituição de origem - federação internacional (FLAPPSIP). Diante desse emaranhado transferencial, discriminar a quem a narrativa estava sendo dirigida torna-se um trabalho altamente complexo, se é que possível o fazer. Os temas da filiação simbólica e da transmissão em psicanálise encontram-se aí implícitos enquanto possíveis linhas de investigação a serem exploradas.

E como lidar com essa presença inesperada, mas sempre anunciada, da transferência? Esse é um assunto tão espinhoso que, ao procurarmos estudos em algumas bases de dados, nos idiomas português, espanhol e francês, encontramos apenas uma publicação que aborda essa questão diretamente, a saber: Elia (1999). Reside nisso a originalidade da tal discussão.

No esforço de dar contornos a esse tema, acreditamos que vale tentar mapear a instalação dessa situação transferencial: diferentemente da demanda de uma análise na cena da clínica - na qual o sujeito demanda a escuta de um analista -, na cena da pesquisa é o pesquisador-analista que demanda uma fala (acerca de uma questão ou problema específicos) para o participante. Nisto já há uma relativização da noção de abstinência. Portanto, já no primeiro tempo da pesquisa, na escolha dos participantes e no ato da realização do convite, há um endereçamento e uma convocatória.

Em convergência, nota-se que não há laço possível sem uma incidência mínima da transferência positiva, e, como dito, esse laço tem início na figura do pesquisador ao lançar o convite para o participante. No entanto, é preciso diferenciar

o laço amistoso que viabiliza o trabalho de sua erotização no sentido psicanalítico de uma *sedução*, visto que isso se desdobraria numa resistência em vários sentidos. Dessa forma, entra em cena o operador da *abstinência*. Pode-se diferenciar, ainda, abstinência de uma suposta “neutralidade”, a qual deriva de um imaginário cientificista de uma pesquisa sem rasuras ou interferências.

A letra freudiana (FREUD, 1900, 1901, 1912) vai justo na contramão disso, pois é na indeterminação e no equívoco que o inconsciente se revela. Entretanto, além de levar em conta a presença da transferência necessária ao trabalho de pesquisa, a leitura ou a reinterpretação dos cruzamentos transferências e seus efeitos, trata-se de é um destino *a posteriori* na fase final de análise do material.

A partir do conjunto até aqui esboçado, operamos a seguinte proposição metodológica: se observamos *traços* cruzados de algo que se pode nomear de *transferências institucionais*, assim como, se recolocamos o próprio problema de pesquisa em termos da *transferência com a psicanálise*, como dar corpo a esses traços? Nesse sentido, o registro por escrito das impressões do pesquisador é uma tentativa de produzir marcas acerca do encontro em questão. Esse material viria a ser anexado ao das transcrições da entrevista propriamente dita.

Vejamos, porém, que o entrevistador pode ou não trabalhar na fase de análise do material transcrito. No primeiro caso, o endereçamento é mais direto a tal sujeito. No segundo, há a presença de um terceiro que pode ver com certo distanciamento por estar fora do calor da transferência direta, por assim dizer. Situação semelhante a supervisão psicanalítica. Os dois modos, contudo, têm suas potencialidades e riscos, como é de se esperar.

Por fim, vale dizer, este estudo não tem por escopo efetuar uma análise interpretativa do material colhido, mas tão somente indagar o estatuto e os destinos da transferência na pesquisa psicanalítica em extensão. Pensamos que tanto o objeto quanto o método são construídos pelo pesquisador, e objetivamos muito mais problematizar como isso se processa do que oferecer uma fórmula ou moldura. Uma pesquisa se constituirá como psicanalítica sempre *a posteriori*.

REFERÊNCIAS

BERLINCK, M.T. Considerações sobre a elaboração de projeto de pesquisa em psicanálise. In:_____. **Psicopatologia fundamental**. São Paulo: Escuta, 2002.

BIRMAN, J. A clínica na pesquisa psicanalítica. In: ENCONTRO DE PESQUISA ACADÊMICA EM PSICANÁLISE: PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE, 2., 1992, São Paulo. **Atas...** São Paulo: EDPUCSP, 1992. p. 7-37.

ELIA, L. A transferência na pesquisa em psicanálise: lugar ou excesso? **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 12, n. 3, Não paginado, 1999.FREUD, S. (1900). A interpretação dos sonhos. In:_____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira, 4).

_____. (1901). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In:_____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira, 8).

_____. (1912). A dinâmica da transferência. In:_____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição Standard Brasileira, 12).

JERUSALINSKY, A. Campos e fundamentos da pesquisa psicanalítica. **Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba**, Curitiba, v. 20, p. 15-30, 2011.

IRRIBARY, N. O que é pesquisa psicanalítica? **Ágora: estudos em teoria psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, p. 115-138, 2003.

MEZAN, R. Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 30, n.70, p. 227-241, 2006.

POLI, M. C. Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 154-179, 2008.